

**NOBE
LINA**

CIBELE LAURENTINO

**NOBE
LINA**

plus+
editora

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Cibele Laurentino, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Giovanna Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Jadna Alana

PREPARAÇÃO
Larissa Sobral

REVISÃO
Jadna Alana

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

ILUSTRAÇÕES
Alberto Diaz

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Laurentino, Cibelle

Nobelina / Cibelle Laurentino. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Coerência, 2020.

ISBN: 978-65-87068-74-9

1. Ficção brasileira I. Título.

21-69085

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

PREFÁCIO I

VOZES DE MULHERES

EM NOBELINA

O convite à leitura e prefácio de *Nobelina* é um presente que me honra profundamente, sobretudo no que tange à confiança e sensibilidade da autora, ao deixar-me guiar o público-leitor na descoberta dessa joia que é, ao mesmo tempo, uma obra catarse do eu lírico, que se distancia do seu objeto amado, seu *alter ego*, no sentido de apaziguar as dores, as saudades, os “não ditos”, enfim, celebrar a vida, a arte, e ressignificar-se, em um processo de reconciliação consigo e com o outro. Mas também, um diálogo, interação intertextual com a obra poética paterna, berço do aprendizado, do encantamento e da empatia artística e intelectual de Cibele Laurentino, herdeira do grande poeta Zé Laurentino. Lendo a obra da autora não há como não dialogar entre *Eu, a cama e Nobelina*, delicioso poema homônimo, um clássico do poeta Laurentino e a narrativa redesenhada e reinventada, de modo singelo, por Cibele, cuja protagonista Nobelina é a força motriz de ambas as obras.

Poesia e prosa entrelaçam-se, criando um diálogo cativante, rimado ao som das sextilhas populares, revisitando as tradições das culturas de expressões populares no interior da Paraíba, berço da literatura de cordel, do Fole de 8 baixos, de cantadores

repentistas, glosadores, evocando as riquezas culturais do povo nordestino, em sua autenticidade, riqueza linguística, exuberância, criatividade, religiosidade e devoção às festividades das tradições locais — novenários, padroeiras, cantorias de alpendres etc. —, tão importantes para a coesão comunitária da população do interior carente, de pouco acesso aos meios de comunicação da época. Através de Seu Narciso, entrevemos a importância transformadora do rádio na vida do povo do interior, unindo e aproximando a população da cidade ao mundo rural — e vice-versa.

As memórias da autora, leitora-ouvinte privilegiada dos programas de rádio, alguns, comandados pelo poeta Zé Laurentino, conduz-nos aos labirintos dos programas radiofônicos, *Retalhos do Sertão* e *Contos que a Noite Conta*, Evandro Barros, que animaram e ressignificaram a vida e o cotidiano da gente simples do interior, transportando em ondas sonoras — mais do que notícias e ficções —, esperança, sonhos, sempre acariciados pelo vozerio potente e elegante de seus locutores, poetas e radialistas.

A obra de Cibele Laurentino traz igualmente esse pano de fundo de reflexão voltado à realidade rural, deserdada do acesso à escola, à alfabetização, como bem e direito de consumo para todos, mas ainda bem restrito e elitista na época, como se observa na descrição dos programas e projetos de alfabetização — MOBRRAL etc. —, promovidos, país afora, pelo governo federal da época, na tentativa de erradicação do analfabetismo, sobretudo no Nordeste, porém frustrado com as mudanças políticas nas décadas de 1950 até 1960.

Ao ler *Nobelina*, percebe-se o quanto a Arte é capaz de ressignificar tudo à sua volta, dando os acordes e ajustes essenciais ao desabrochar de uma nova consciência. A consciência de valores, de identidades, de pertencimento, da importância da educação, do saber-fazer, dos conhecimentos que, inevitavel-

mente, determinam as escolhas de uma vida, nossas paixões e posições, fazendo-nos submergir dos pântanos nos quais nos encontramos, quer consciente ou inconscientemente. De certa forma, a protagonista traduz a consciência da mulher, mas, igualmente, dos sujeitos oprimidos na narrativa. Na trama, Nobelina é apresentada como a negra, “uma perdição de mulher”, com um “corpo roliço, capaz de seduzir qualquer macho”; linda, sedutora, um verdadeiro objeto de cobiça para os homens da região. Eis o ideal de mulher ancorado em uma sociedade neocolonial, machista, patriarcal, preconceituosa, desigual, que, no entanto, a autora descontrói ao longo do enredo, de modo ousado e determinante. *Nobelina* é o apelo gritante de uma consciência feminina, da nova geração de mulheres, como a protagonista, que possui esperança por respeito, igualdade de direitos, tendo acesso ao saber, aos conhecimentos vindos através da educação, do enveredar pela arte e cultura, únicos pilares capazes de transformação dos indivíduos e da mulher inserida no contexto da sociedade paraibana, na qual Nobelina evolui. A consciência da personagem revela como a ignorância se torna presa fácil de manipulação nas mãos dos algozes locais — quer no seio familiar, quer na sociedade em geral —, ávidos pelo poder, pela manutenção da ignorância, e pelo silenciar dos sujeitos, reduzindo-os a meros objetos alheios às mudanças e transformações dos novos tempos.

Da aldeia do Sítio Piaca, onde cresceu Nobelina, acompanhamos a narrativa de uma adolescente, cuja ambição é ser professora. E, conseqüentemente, dona de seu destino, empoderada e livre. O conflito que guiará toda a história de vida da família de Seu Narciso e Dona Guilhermina, junto aos seus dois filhos, Nobelina e Chico, é um espelho das tessituras existenciais de muitas mulheres e homens do interior, ou mesmo

da cidade. Cibele Laurentino desenvolve a saga de Nobelina, decidida a livrar-se do jugo do pai ou de um casamento imposto com um pretenso marido, rompendo assim a sina de muitas moças do interior.

Nobelina sente, desde cedo, o peso de ter nascido mulher. As famílias, durante toda a história da humanidade, almejavam herdeiros e primogênitos varões, seguindo a linhagem dos patriarcas, no tocante à lida e aos bens familiares. Apesar dos sentimentos que afligem o coração da protagonista, percebe-se uma lenta e progressiva evolução face ao enfrentamento dos desafios impostos pelo “destino” a ela reservado, o qual ela reinventa com resiliência, perseverança, humildade e força de caráter. Nobelina sabe que sem educação a opressão se instalará, fortalecendo os opressores e silenciando sua voz. Nesse embate de sentimentos, entre avanços e recuos, o leitor é convidado a seguir o fio condutor da trajetória de formação, às escondidas, de Nobelina, em busca do sonho de ser professora; as peripécias amorosas de um ser diferente, astuto, sujeito pensante e transformador.

Através do olhar de um narrador onisciente, das confidências íntimas de Nobelina e demais personagens, entrevemos as experiências e tramas familiares do povo do interior, suas reflexões acerca da vida, da beleza, do saber-fazer poético das comunidades, descritas através das riquezas culturais do interior, na força e voz dos cantadores, poetas, sanfoneiros, tocadores de Fole de 8 baixos, dos radialistas; todos apresentados, como o poeta Zezinho, como sujeitos de cultura, agentes transformadores do cotidiano no interior do Nordeste. Vozes capazes de influenciar até os mais duros sujeitos, como o Seu Narciso, pai de Nobelina.

A protagonista é a antítese da mulher omissa que, sem pudor das representações que lhe emprestam à sociedade,

sabe e usa do seu poder de sedução em busca de seus objetivos — sem cair nos estereótipos fáceis e caricaturais da mulher fatal —, desprovida de sentimentos e intelecto. É em seu silêncio e nos recuos conscientes que Nobelina avança e reage face ao cerceamento de suas escolhas e sonhos. A condição das mulheres vem transformando-se durante séculos. Apesar dos desafios, conquistas e embates, muitas vozes femininas ficaram no limbo do esquecimento, silenciadas pela violência masculina, clausura e/ou simplesmente resignação. Embora ame sua genitora, a protagonista afirma-se, como o oposto da mãe, transformando-a em farol; de modo a orientar seu caminhar e seus comportamentos de maneira contrária ao observado nas atitudes de sua mãe. Até mesmo a figura da professora, seu modelo de mudança, é ressignificado aos olhos de Nobelina, pela necessidade de rompimento face às amarras nas quais transitou: dos braços do pai para o leito marital, representando este último as reminiscências de um contexto de opressão sistêmica, misógina e patriarcal, tão enraizadas ainda na educação dos homens do interior da Paraíba.

Tanto em *Nobelina*, quanto em *Eu, a cama e Nobelina*, os autores desmontam o *status quo* da sociedade machista, patriarcal, moldada pelos preconceitos racistas, de gênero, sociais e econômicos. Há uma desconstrução saborosa e irreverente, com doses generosas de poesia. Temas universais são abordados, como a violência contra a mulher, a misoginia, homofobia, racismo, enfim, os estereótipos, as verdades absolutas; as incongruências dos discursos, reforçam a força que há na educação e no conhecimento para se alçar voos mais altos em busca da liberdade, dos sonhos, e também do amor.

Resta-me dizer o quão cativante e poética é a história que vos lhes apresento. Um misto de linguagem interiorana, com seus sotaques, ritmos, sons, sabores, cheiros e tipos humanos,

cuja simplicidade, bem longe do “simplório”, entenece-nos e fascina, como leitores e partícipes da cultura nordestina, única, profundamente humana e da atualidade. Cibele Laurentino presenteou-nos com *Nobelina*. Sinto-me representada, como mulher, professora, ser pensante e sujeito de transformação. Ao descobrir a narrativa, ainda me assusto com a atualidade do texto, do que observamos no mundo dos homens, na crueza das relações de poder, dos pensamentos e comportamentos retrógrados, violentos e intransigentes. A imersão em *Nobelina* é uma agradável e entusiasta redescoberta desse mundo diferente do interior paraibano, uma gleba que me habita e encanta com a cultura de seus mestres, com seus saberes e fazeres, com a sua poesia cordelística, rica em genialidade, perspicácia e humor, em constante diálogo com a sociedade e suas mudanças. É neste mundo nordestino, onde transitam mulheres nobelianas: lindas, sofridas, humanas, guerreiras, fortes e plenas de suas lutas e conquistas. Nobelinas que decidiram romper as amarras cruéis de uma sociedade patriarcal, machista, desigual, preconceituosa e desleal. E, ao romper o silêncio e as algemas, as “nobelinas” transformaram dor em amor, desrespeito em respeito, crueza em fantasia, diversidade em riqueza, aprendizado e partilha. Assim, como em uma narrativa poética em cordel, Nobelina reescreve o seu final feliz, guiando-se pelo sonho, pelas suas intuições femininas, como escolheu viver, agir e estar no mundo.

Joseilda Diniz;

(Prof.^a Dr.^a. Pesquisadora, Consultora e Curadora
Museu de Arte Popular da Paraíba-MAPP
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/PROCULT).

PREFÁCIO II

“Nobelina”. Pergunto-me se a origem deste nome segue a ousadia e determinação associadas a Alfred Nobel, de quem o estimado Prêmio Nobel herdou a nomenclatura. Talvez nunca descubra, mas tenho certeza de que a única Nobelina da qual ouvi, sempre deu o que falar por onde passou.

Os motivos são vários. O poeta Zé Laurentino, aquele que nos apresentou Nobelina, da missa só nos contou um terço. E isso, à época, bastou para que o nome dela ganhasse meio mundo — ou o mundo todo, eu diria.

O que eu não imaginava que fosse acontecer, depois de passado tanto tempo, era conhecer um lado ainda inexplorado e tão cativante da famosa Nobelina. E se eu já lhe achava apaixonante, agora posso me dizer verdadeiramente apaixonado por sua história. Acho até que seria justo — pedindo licença pelo trocadilho —, um Prêmio Nobelina para mulheres ousadas e determinadas como ela foi.

O melhor de conhecer as múltiplas faces de tudo, das coisas e das pessoas, é poder perceber as entrelinhas do mundo, a complexidade das coisas simples e a singeleza das coisas complicadas. Além do mais, conseguir enxergar as mudanças ao nosso redor, importa, não só para quem somos hoje, mas, principalmente, para quem seremos amanhã. O que sabemos é que a mudança é certa.

Falo em mudanças, porque este livro, fundamentalmente, nasce de uma metamorfose. *Nobelina*, por Cibele Laurentino, floresce de uma semente plantada há muito pela poesia de Zé Laurentino, e regada por toda a inspiração de uma vida peculiar e inimitável, que somente um poeta do quilate de Zé poderia ter.

Cibele deixou Campina Grande, há vários anos, para dedicar-se a uma vida longe dos pais e irmãos, junto ao mar quase deserto e da família que ali construía. Para muitos, parecia simplesmente uma aventura, contudo o tempo disse-nos do que realmente isso se tratava: mudança. E mudar fez parte da vida de Cibele de uma forma muito natural, mas sua história e sensibilidade sempre a guiaram num caminho de dedicação por um mundo melhor, o que alguns diriam consistir em sua essência — inclusive eu. E é nesse contexto que pulsa a veia poética e literária dessa nova escritora, que tanto possui para contar, sentir e transmitir.

Nobelina traz-nos para bem juntinho dela, de Nobelina. A riqueza de detalhes e a narrativa de sentimentos e sensações, fazem-nos estar naquele lugarejo no interior da Paraíba, em tempos em que tudo era bem diferente dos dias de hoje.

O romance consegue deixar-nos imersos à mistura de emoções que era viver nos tempos de antigamente, na roça, onde a tecnologia era escassa, mas a experiência humana, de sobra. Isso em meio a todo um cenário arcaico que, ao mesmo tempo, fazia-se repleto de relações intensas.

O destaque, por óbvio, fica por conta da excêntrica Nobelina, que protagoniza uma personagem sonhadora e apaixonada pelo conhecimento e pelo ofício do ensino; ao mesmo tempo que se mostra irresignada com tantos costumes da época, os quais colocavam pessoas em situação de vulnerabilidade,

principalmente as mulheres. No entanto, Nobelina também se mostra uma mulher que desfruta o melhor da simplicidade de seu tempo, inclusive do amor, em suas mais verdadeiras e surpreendentes formas.

Nobelina é uma ótima oportunidade para quem quer ser convidado(a) a se sentir um pouco fora da realidade atual e, ainda assim, perceber as nuances que carregam as pessoas e o amor, independentemente do tempo e lugar.

Zé Laurentino Neto.



"214"

-Alberto 3/21 19

Vou reservar minha poesia para te contar uma história. Uma história pequenina, de amor, romance e maestria; de uma moça bonita, cintura fina, quadris largos, olhos cor de mel, pernas grossas, rosto rosado em uma pele cor de jambo. Tinha seu nome Nobelina. Filha de Seu Narciso e de Dona Guilhermina. Era ela menina garbosa, que, quando passava, lembrava a garota de Ipanema, fazendo pose na praça, na praça do Sítio Piaca, logo ali, bem próxima, na cidade de Puxinanã, Paraíba, Nordeste.



ALBERTO 2020

SEU NARCISO E DONA GUILHERMINA

Um jovem casal de agricultores, assim como seus pais. Ela, de um lugarejo chamado Jenipapo; ele, nascido no Sítio Antas, da cidade de Puxinanã, Paraíba.

Casados havia dezoito anos, tiveram dois filhos: Nobelina, com dezessete, e Chico, um garoto de sete anos. A intenção do casal era ter uma família grande, com mais de dez descendentes, tal como o costume nas redondezas. No entanto, isso jamais foi possível, pois Dona Guilhermina tivera sequelas, devido a uma queda que sofrera, ali mesmo, em um barreiro, lavando as roupas de casa, durante a gravidez de Chico. Esse fato deixou o casal extremamente frustrado. Viviam uma vida simples, dedicados à família; sobrevivendo da agricultura, da venda de leite, criação de gado e de galinhas. Tudo muito resumido, porque as condições financeiras eram precárias. O que salvava a família era o tamanho das terras que possuíam: sessenta e cinco hectares, herança que Dona Guilhermina recebera de uma tia solteira, que falecera um pouco antes de seu casamento com o Seu Narciso. Terras estas que, quando não conseguiam plantar, já que não dispunham de dinheiro para investir, arrendavam para alguns vizinhos.



ALBERTO 2020

VIZINHOS

Do lado direito, havia um fazendeiro rico, o Seu Antônio Sibiu, e sua esposa, Dona Mechicler. Tinham doze filhos, dos quais dois eram doutores, que moravam no Rio de Janeiro; sendo eles, Dario, engenheiro elétrico, e Antônio, odontólogo. O restante consistia em filhas que moravam nos arredores, trabalhando em família na fazenda dos pais.

Do lado esquerdo, jazia o Seu José da Penha e Dona Francisquinha. Um casal de advogados que, desde muito cedo, optaram por viver, de forma simples, naquele lugar, com seus três filhos: Joca, Zeca e Lula, o caçula. Joca, ou Joquinha, como fora a vida inteira carinhosamente chamado pelos pais, era o primogênito. Tendo sido ele eternamente motivo de orgulho, tanto por seu bom desempenho nos estudos de agronomia, quanto por seu exercício de profissão em uma grande empresa no Estado de São Paulo. Por outro lado, Zeca, o filho do meio, sempre foi deixado mais de lado. Sua afinidade maior era com a mãe. Já o pai, mantinha certa distância dele. Mas nem por isso o rapaz desistiu de tentar o agradar de todas as formas possíveis, dedicando-se avidamente à agricultura. Lula, por sua vez, conhecido como o menino que nascera para estar no mato, possuía uma identificação com a roça extremamente admirada por seu progenitor, que o considerava um bom filho, seu bom companheiro. “O braço direito do pai”, como se dizia.

Mais adiante, tinha o Seu Manuel Romão e Dona Severina; um humilde casal de agricultores, já idosos, que viviam sozinhos, apesar de seus quinze filhos, todos casados, e cada qual cuidando de sua própria família. Nos finais de semana, no entanto, era certeza a casa dos velinhos encontrar-se cheia. Filhos e netos, todos se reuniam.